ISSN-2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

PARADIGMAS, MÉTODOS E TÉCNICAS: UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO EM METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

PARADIGMS, METHODS AND TECHNIQUES: A CLASSIFICATION PROPOSAL IN RESEARCH METHODOLOGY IN PSYCHOLOGY

PARADIGMAS, MÉTODOS Y TÉCNICAS: UNA PROPUESTA DE CLASIFICACIÓN EN METODOLOGÍA DE INVESTIGACIÓN EN PSICOLOGÍA

Francisco Casimiro Lubalo[1]

[1] Universidade 11 de Novembro (UON), Cabinda, Angola. E-mail: filantropico2003@yahoo.es | Telemóvel: +244 928 66 32 87.

RESUMO

O presente artigo científico analisa criticamente a arquitetura epistemológica, teórica e instrumental da pesquisa científica nas ciências psicológicas, tendo como objetivo geral propor uma classificação sistemática e articulada dos paradigmas, métodos e técnicas em metodologia de investigação em psicologia. Metodologicamente, o estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa de natureza teórica, bibliográfica e documental, fundamentada na análise comparativa e hermenêutica de obras clássicas e contemporâneas da filosofia da ciência e da metodologia da investigação científica. A problematização decorre da constatação recorrente, no contexto académico e universitário, de imprecisões terminológicas e incoerências paradigmáticas que conduzem estudantes e investigadores a confundirem níveis distintos do desenho metodológico, tratando técnicas operacionais de recolha de dados como se fossem métodos gerais ou dissociando os procedimentos empíricos de seus pressupostos ontológicos e epistemológicos. Como resultado central, apresenta-se uma taxonomia hierárquica e integradora estruturada em quatro níveis interdependentes: o nível paradigmático-epistemológico (positivismo, pós-positivismo, interpretativismo, teoria crítica, pragmatismo e complexidade), o nível dos métodos científicos gerais de abordagem e de procedimento, o nível dos desenhos ou delineamentos de investigação (quantitativos, qualitativos e mistos) e o nível das técnicas e instrumentos operacionais de recolha e análise de dados. Conclui-se que a adoção sistemática desta matriz classificatória fortalece a vigilância epistemológica, assegura a coerência interna dos projetos de investigação e eleva o rigor científico na formação de novos investigadores em psicologia, com especial pertinência para o ensino superior e a produção científica no contexto académico angolano, lusófono e internacional contemporâneo da psicologia.

Palavras-chave: Paradigmas científicos; Métodos de investigação; Técnicas de pesquisa; Metodologia científica; Psicologia.

ABSTRACT

This scientific article critically analyzes the epistemological, theoretical, and instrumental architecture of scientific research within the psychological sciences, with the general objective of proposing a systematic and articulated classification of paradigms, methods, and techniques in psychology research methodology. Methodologically, the study is configured as qualitative research of a theoretical, bibliographic, and documentary nature, grounded in the comparative and hermeneutic analysis of classical and contemporary works in the philosophy of science and scientific research methodology. The problematization stems from the recurrent observation, within the

academic and university context, of terminological imprecisions and paradigmatic inconsistencies that lead students and researchers to conflate distinct levels of methodological design, treating operational data collection techniques as if they were general methods or dissociating empirical procedures from their ontological and epistemological assumptions. As a central outcome, a hierarchical and integrative taxonomy structured across four interdependent levels is presented: the paradigmatic-epistemological level (positivism, post-positivism, interpretivism, critical theory, pragmatism, and complexity), the level of general scientific methods of approach and procedure, the level of research designs (quantitative, qualitative, and mixed), and the level of operational techniques and instruments for data collection and analysis. It is concluded that systematically adopting this classificatory matrix strengthens epistemological vigilance, ensures the internal coherence of research projects, and elevates scientific rigor in training new psychology researchers, holding particular relevance for higher education and scientific production within the Angolan, Lusophone, and contemporary international academic context of psychology.

Keywords: Scientific paradigms; Research methods; Research techniques; Scientific methodology; Psychology.

RESUMEN

El presente artículo científico analiza críticamente la arquitectura epistemológica, teórica e instrumental de la investigación científica en las ciencias psicológicas, teniendo como objetivo general proponer una clasificación sistemática y articulada de los paradigmas, métodos y técnicas en metodología de investigación en psicología. Metodológicamente, el estudio se configura como una investigación cualitativa de naturaleza teórica, bibliográfica y documental, fundamentada en el análisis comparativo y hermenéutico de obras clásicas y contemporáneas de la filosofía de la ciencia y de la metodología de la investigación científica. La problematización surge de la constatación recurrente, en el contexto académico y universitario, de imprecisiones terminológicas e incoherencias paradigmáticas que llevan a estudiantes e investigadores a confundir niveles distintos del diseño metodológico, tratando técnicas operacionales de recolección de datos como si fueran métodos generales o disociando los procedimientos empíricos de sus presupuestos ontológicos y epistemológicos. Como resultado central, se presenta una taxonomía jerárquica e integradora estructurada en cuatro niveles interdependientes: el nivel paradigmático-epistemológico (positivismo, pospositivismo, interpretativismo, teoría crítica, pragmatismo y complejidad), el nivel de los métodos científicos generales de abordaje y procedimiento, el nivel de los diseños de investigación (cuantitativos, cualitativos y mixtos) y el nivel de las técnicas e instrumentos operacionales de recolección y análisis de datos. Se concluye que la adopción sistemática de esta matriz clasificatoria fortalece la vigilancia epistemológica, asegura la coherencia interna de los proyectos de investigación y eleva el rigor científico en el contexto académico angoleño, lusófono e internacional contemporáneo de la psicología.

Palabras clave: Paradigmas científicos; Métodos de investigación; Técnicas de investigación; Metodología científica; Psicología.

1 INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento científico nas ciências humanas e sociais, e de modo muito particular na Psicologia, reveste-se de uma complexidade epistemológica singular decorrente da própria natureza do seu objeto de estudo: o ser humano enquanto sujeito biológico, cognitivo, afetivo, histórico e sociocultural, que simultaneamente investiga e é investigado (FIGUEIREDO, 2009; GONZÁLEZ REY, 2005). Desde a sua emancipação institucional como disciplina científica autónoma no final do século XIX, com a fundação do laboratório de psicologia experimental de Wilhelm Wundt em Leipzig, em 1879, a Psicologia tem sido atravessada por intensos debates paradigmáticos acerca dos critérios de cientificidade, da objetividade, da subjetividade e da adequação dos seus métodos e técnicas de investigação (KUHN, 2013; PENNA, 1997).

No quotidiano da formação académica e da prática investigativa nas instituições de ensino superior, observa-se com frequência um fenómeno preocupante que Gaston Bachelard (1996) designou como ausência de vigilância epistemológica, e que Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron (2004) denunciaram sob a forma de metodologismo tecnicista. Trata-se da tendência para reduzir a metodologia de investigação a um receituário mecânico de procedimentos operacionais, dissociado da reflexão filosófica e teórica sobre a natureza da realidade estudada (ontologia) e sobre a relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível (epistemologia).

Essa fragilidade conceitual manifesta-se na literatura académica, nas dissertações, teses e projetos de pesquisa sob múltiplas formas de confusão taxonómica: frequentemente, manuais e investigadores empregam como sinónimos conceitos situados em planos lógicos completamente distintos — confundindo paradigma com abordagem, método geral com desenho de investigação, e método com técnica ou instrumento de recolha de dados (GUBA; LINCOLN, 1994; CRESWELL; CRESWELL, 2021; LAKATOS; MARCONI, 2021). Não raro, encontram-se estudos que declaram adotar uma perspetiva fenomenológica ou histórico-cultural, mas empregam instrumentos estritamente positivistas de mensuração fechada sem a devida mediação hermenêutica, gerando fraturas na validade interna e na coerência epistemológica da investigação.

Diante desta problemática, emerge a seguinte questão norteadora do presente estudo: Como estruturar uma classificação hierárquica, coerente e operacional dos paradigmas, métodos e técnicas de investigação que oriente a tomada de decisão metodológica e fortaleça o rigor científico na pesquisa em Psicologia?

Para responder a esta indagação, estabelece-se como objetivo geral: propor uma classificação sistemática e articulada dos paradigmas, métodos e técnicas em metodologia de investigação em psicologia, estabelecendo nexos de coerência entre os fundamentos epistemológicos e os procedimentos empíricos de pesquisa.

Como desdobramento lógico e operacional deste propósito central, definem-se os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar através da literatura especializada e complementar os pontos de vista dos diferentes autores na abordagem do tema objeto teórico de pesquisa, examinando os fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos dos principais paradigmas científicos;

2. Distinguir criticamente os planos conceituais de paradigma, método científico (de abordagem e de procedimento), delineamento de investigação e técnica de pesquisa, identificando as convergências e divergências entre as taxonomias clássicas e contemporâneas;

3. Estruturar uma matriz classificatória integrada aplicada à investigação em Psicologia, articulando cada matriz paradigmática aos respetivos métodos, desenhos de estudo e técnicas de recolha e análise de dados.

Metodologicamente, a presente investigação caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza teórica, bibliográfica e documental (GIL, 2019; SEVERINO, 2017). O procedimento de recolha e tratamento do material teórico baseou-se na pesquisa bibliográfica sistemática em obras fundacionais e contemporâneas de filosofia da ciência (Popper, Kuhn, Bachelard, Lakatos, Habermas, Morin) e de metodologia da investigação científica e psicológica (Guba e Lincoln, Creswell, Sampieri et al., Lakatos e Marconi, Gil, Minayo, González Rey, Flick, Denzin e Lincoln, Yin, Bardin). A análise hermenêutica e comparativa permitiu confrontar as diferentes perspetivas autorais e sintetizar a arquitetura taxonómica apresentada nas secções subsequentes.

2 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA: PARADIGMAS, MÉTODOS E TÉCNICAS NA LITERATURA ESPECIALIZADA

2.1 Análise Comparativa dos Pontos de Vista dos Diferentes Autores sobre Paradigmas, Métodos e Técnicas de Pesquisa

A compreensão rigorosa da metodologia da investigação científica exige, antes de tudo, um mergulho na filosofia da ciência e na epistemologia, uma vez que toda escolha

metodológica pressupõe, explícita ou implicitamente, uma determinada conceção sobre o que é a realidade, como ela pode ser conhecida e qual o estatuto da verdade científica (BACHELARD, 1996; POPPER, 2013; MORIN, 2005). Na literatura especializada, diferentes autores abordam os conceitos de paradigma, método e técnica sob ângulos complementares, cuja análise comparativa permite superar ambiguidades terminológicas e construir uma visão integrada do processo investigativo.

2.1.1 O Estatuto Filosófico e Epistemológico dos Paradigmas Científicos

O conceito moderno de paradigma científico foi introduzido e popularizado pelo físico e historiador da ciência Thomas Samuel Kuhn (2013) em sua obra seminal A Estrutura das Revoluções Científicas, publicada originalmente em 1962. Para Kuhn, os paradigmas constituem realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. Em sentido amplo, um paradigma funciona como uma matriz disciplinar compartilhada — composta por generalizações simbólicas, crenças metafísicas, valores epistémicos e exemplares concretos — que delimita o que deve ser observado, que tipo de perguntas são legítimas, como os resultados devem ser interpretados e quais métodos são considerados válidos dentro de um período de ciência normal (KUHN, 2013).

Em diálogo crítico com a conceção kuhniana, o filósofo húngaro Imre Lakatos (1978) propôs substituir a noção de paradigma monolítico pela teoria dos Programas de Investigação Científica, constituídos por um núcleo firme (hard core) irrefutável por decisão metodológica dos seus defensores e por um cinturão protetor de hipóteses auxiliares continuamente ajustadas diante das anomalias empíricas. De modo complementar, Gaston Bachelard (1996) enfatizou que o progresso científico não ocorre por acumulação linear, mas por ruturas epistemológicas que exigem a superação de obstáculos epistemológicos (como o senso comum, o empirismo ingénuo e o substancialismo), impondo ao investigador uma permanente vigilância epistemológica sobre os seus próprios instrumentos e categorias de análise.

Transpondo esse debate filosófico para o campo das ciências humanas e sociais, Egon Guba e Yvonna Lincoln (1994, 2005) definem o paradigma como um sistema básico de crenças ou visão de mundo (worldview) que guia o investigador, não apenas na escolha dos métodos operacionais, mas em questões ontológicas e epistemológicas fundamentais. Segundo Guba e Lincoln (1994), todo paradigma de investigação articula-se em torno de três questões filosóficas hierárquicas e interdependentes:

1. A questão ontológica: Qual é a forma e a natureza da realidade e, portanto, o que pode ser conhecido acerca dela? (Por exemplo, se a realidade psicológica existe de modo objetivo, externo e governado por leis causais imutáveis, ou se é uma construção simbólica, histórica e intersubjetiva);

2. A questão epistemológica: Qual é a natureza da relação entre o sujeito que conhece (ou deseja conhecer) e aquilo que pode ser conhecido? (Se o investigador deve manter um distanciamento neutro e dualista em relação ao objeto, ou se o conhecimento emerge da interação dialógica e transacional entre sujeito e participante);

3. A questão metodológica: Como pode o investigador proceder para descobrir aquilo que acredita poder ser conhecido? (A resposta a esta terceira questão encontra-se necessariamente subordinada às respostas dadas às duas anteriores, evidenciando que a metodologia não é neutra, mas epistemologicamente condicionada).

Complementando essa perspetiva filosófica, Edgar Morin (2005), no âmbito do paradigma da complexidade, sustenta que um paradigma controla não apenas as teorias e os raciocínios explícitos, mas também o próprio campo cognitivo e cultural dos investigadores, determinando as operações lógicas mestras (disjunção, conjunção, implicação) que regem o pensamento científico. Em contraposição ao paradigma clássico da simplificação — baseado nos princípios cartesianos da disjunção, redução e abstração —, Morin (2005) propõe o pensamento complexo como chave indispensável para investigar fenómenos multidimensionais como o psiquismo humano, onde ordem e desordem, sujeito e contexto, biológico e cultural coexistem em relação dialógica, recursiva e hologramática.

No domínio específico da psicologia epistemológica, Fernando González Rey (2005) reforça essa crítica ao tecnicismo metodológico ao propor a Epistemologia Qualitativa, argumentando que o estudo da subjetividade humana não pode ser reduzido à acumulação de dados empíricos obtidos por instrumentos padronizados. Para González Rey (2005), a metodologia na psicologia deve ser compreendida como um processo construtivo-interpretativo, singular e dialógico, no qual os instrumentos são meros indutores de expressão do sujeito, cabendo ao investigador produzir inteligibilidade teórica sobre os sentidos subjetivos configurados na história de vida e nos contextos sociais dos participantes.

2.1.2 Confronto e Complementaridade entre os Metodólogos Clássicos e Contemporâneos

Quando descemos do plano paradigmático-epistemológico para o plano propriamente metodológico e operacional, a literatura especializada apresenta contribuições valiosas de

autores clássicos e contemporâneos da metodologia científica que importa confrontar e complementar sistematicamente:

• A perspetiva de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2021): Estas autoras estabelecem uma distinção clássica e didaticamente rigorosa entre método científico e técnicas de pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2021), o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo — conhecimentos válidos e verdadeiros —, traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do cientista. As autoras subdividem os métodos em dois grandes níveis: os métodos de abordagem (indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético), que se situam num plano mais elevado de abstração e definem o raciocínio lógico sobre a realidade; e os métodos de procedimento (histórico, comparativo, monográfico ou estudo de caso, estatístico, tipológico, funcionalista e estruturalista), que constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenómenos. Já as técnicas correspondem ao conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, ou seja, a habilidade para usar esses preceitos ou normas na obtenção de seus propósitos (instrumentação prática).

• A perspetiva de Antônio Carlos Gil (2019): Gil aborda a classificação da pesquisa científica sob múltiplos critérios complementares, distinguindo os métodos que proporcionam as bases lógicas da investigação (dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico) daqueles que indicam os meios técnicos da investigação ou delineamentos (pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental, pesquisa ex-post-facto, levantamento ou survey, estudo de campo, estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa participante). Para Gil (2019), o delineamento refere-se ao planeamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação de coleta de dados, considerando o ambiente em que são coletados e as formas de controle das variáveis envolvidas.

• A perspetiva de John W. Creswell e J. David Creswell (2021): No panorama anglo-saxónico contemporâneo, Creswell e Creswell (2021) estruturam a arquitetura da investigação em torno da interação de três componentes essenciais: as conceções filosóficas (worldviews: pós-positivista, construtivista, transformadora e pragmática), os desenhos de investigação (research designs: quantitativos, qualitativos e de métodos mistos) e os métodos específicos de pesquisa (research methods: formas de recolha, análise e interpretação de dados). O mérito da abordagem de Creswell reside em evidenciar que a escolha entre uma abordagem quantitativa, qualitativa ou mista não decorre de uma preferência arbitrária do investigador,

mas da natureza do problema de pesquisa, da conceção filosófica adotada e da experiência pessoal do pesquisador.

• A perspetiva de Roberto Hernández Sampieri, Carlos Fernández Collado e María del Pilar Baptista Lucio (2014): No âmbito ibero-americano, Sampieri et al. (2014) sistematizam o processo de investigação científica a partir de três enfoques fundamentais — quantitativo, qualitativo e misto —, demonstrando que todos constituem processos sistemáticos, empíricos e críticos de produção de conhecimento. Os autores destacam que o enfoque quantitativo utiliza a recolha de dados para testar hipóteses com base na medição numérica e na análise estatística, visando estabelecer padrões de comportamento e provar teorias; o enfoque qualitativo utiliza a recolha e análise de dados para afinar as questões de investigação ou revelar novas interrogações no processo de interpretação, sem medição numérica padronizada; e o enfoque misto representa a integração sistemática de ambos os enfoques num mesmo estudo para obter uma fotografia mais completa e profunda do fenómeno.

• A perspetiva de Maria Cecília de Souza Minayo (2014) e Uwe Flick (2009): Na tradição das ciências sociais e da saúde, Minayo (2014) define a metodologia como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, englobando simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do investigador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). De modo convergente, Uwe Flick (2009) enfatiza que os métodos qualitativos e quantitativos devem ser avaliados segundo a sua adequação ao objeto de estudo, defendendo a triangulação metodológica como estratégia superior para captar as múltiplas perspetivas subjetivas e estruturais dos fenómenos psicológicos e sociais.

• A perspetiva de Pedro Demo (2000) e Antônio Joaquim Severino (2017): Demo (2000) chama a atenção para o risco da ditadura do método, advertindo que o método não pode tornar-se uma camisa de força burocrática que sufoque a criatividade heurística e a criticidade teórica do investigador. Por sua vez, Severino (2017) reforça a distinção operacional entre técnica (procedimento prático de manipulação de instrumentos), método (procedimento lógico e operacional de investigação) e metodologia (disciplina epistemológica que estuda criticamente os próprios métodos científicos).

> A metodologia inclui as conceções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do investigador. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (MINAYO, 2014, p. 14).

A síntese dialógica entre estes diferentes autores evidencia que a investigação científica em Psicologia exige uma arquitetura escalonada e coerente: nenhum procedimento técnico possui validade autónoma se estiver desconectado de um método lógico de raciocínio e de uma matriz paradigmática que lhe confira sentido epistemológico.

2.2 Caracterização dos Grandes Paradigmas Epistemológicos na Psicologia

Com base na revisão crítica de Guba e Lincoln (1994, 2005), Creswell e Creswell (2021), Habermas (1987) e Figueiredo (2009), identificam-se cinco grandes matrizes paradigmáticas que sustentam historicamente e contemporaneamente a investigação científica em Psicologia:

1. Paradigma Positivista e Pós-Positivista: Enraizado no empirismo lógico e na filosofia de Auguste Comte e do Círculo de Viena, o positivismo clássico postulava a existência de uma realidade objetiva externa, regida por leis naturais imutáveis e passível de apreensão direta, neutra e quantificável mediante a observação empírica e o método experimental. Contudo, sob o impacto do racionalismo crítico de Karl Popper (2013) — que substituiu o critério indutivo da verificação pelo critério dedutivo da falseabilidade (refutabilidade) —, evoluiu para o Pós-Positivismo. O pós-positivismo reconhece que a realidade objetiva existe, mas só pode ser conhecida de forma imperfeita e probabilística devido às limitações humanas e teóricas do investigador. Na Psicologia, este paradigma fundamenta a psicologia experimental, o behaviorismo metodológico, a psicometria clássica, a neuropsicologia cognitiva quantitativa e os ensaios clínicos randomizados.

2. Paradigma Interpretativista / Construtivista (e Fenomenológico-Hermenêutico): Originado na tradição das ciências do espírito (Geisteswissenschaften) de Wilhelm Dilthey, na sociologia compreensiva de Max Weber, na fenomenologia transcendental de Edmund Husserl e na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, este paradigma rejeita a transposição mecânica dos métodos das ciências naturais para o estudo do ser humano. Ontologicamente relativista e epistemologicamente subjetivista/transacional, sustenta que a realidade psicológica e social é multiplamente construída pelos sujeitos nas suas interações simbólicas e culturais. O objetivo da ciência deixa de ser a explicação causal (Erklären) para tornar-se a compreensão (Verstehen) dos significados, vivências intencionais e sentidos subjetivos. Na Psicologia, orienta a investigação fenomenológica, a psicanálise clínica, a psicologia histórico-cultural, o construcionismo social e os estudos etnográficos.

3. Paradigma Crítico / Dialético (ou Transformativo): Ancorado no materialismo histórico-dialético de Karl Marx e Friedrich Engels, na Escola de Frankfurt (Adorno,

Horkheimer, Marcuse, Habermas) e na pedagogia libertadora de Paulo Freire, este paradigma concebe a realidade como uma totalidade histórica dinâmica, atravessada por contradições sociais, relações de poder, assimetrias económicas, de género, raça e classe. Epistemologicamente, rejeita a neutralidade axiológica da ciência, afirmando que toda investigação possui uma dimensão ética e política orientada para a crítica ideológica e a emancipação humana. Na Psicologia, sustenta a psicologia social comunitária, a psicologia crítica, a psicologia política e as metodologias participativas e de pesquisa-ação.

4. Paradigma Pragmático: Fundamentado na tradição filosófica norte-americana de Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey, o pragmatismo desloca o foco das disputas metafísicas abstratas sobre a natureza da verdade para a utilidade prática e a eficácia na resolução de problemas concretos. Ontologicamente e epistemologicamente pluralista, defende que o investigador deve ter liberdade para combinar abordagens quantitativas e qualitativas, métodos dedutivos e indutivos, conforme as exigências específicas da pergunta de investigação. Constitui a base filosófica privilegiada da investigação de métodos mistos (Mixed Methods Research) e da psicologia aplicada contemporânea (CRESWELL; CRESWELL, 2021; TASHAKKORI; TEDDLIE, 2010).

5. Paradigma da Complexidade e Sistémico: Articulado a partir da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy, da cibernética de segunda ordem, da biologia do conhecer de Humberto Maturana e Francisco Varela e do pensamento complexo de Edgar Morin (2005), este paradigma supera as dicotomias clássicas (mente/corpo, indivíduo/sociedade, sujeito/objeto, quantitativo/qualitativo), compreendendo os fenómenos psicológicos como sistemas abertos, auto-organizados, não lineares e emergentes. Orienta investigações ecológicas, sistémicas familiares, estudos sobre redes dinâmicas e modelos multicausais do desenvolvimento humano.

2.3 A Distinção Hierárquica entre Métodos de Abordagem, Métodos de Procedimento, Desenhos e Técnicas

Uma das maiores fontes de equívocos na redação de capítulos metodológicos em Psicologia reside na indistinção entre o plano lógico do método e o plano instrumental da técnica. Etimologicamente, a palavra método deriva do grego méthodos (composto por metá, através de, e hodós, caminho), significando o caminho racional e sistemático que conduz a um fim cognitivo. Por sua vez, técnica provém do grego téchne (arte, ofício, perícia operacional), designando o conjunto de procedimentos materiais, regras práticas e instrumentos específicos

que operacionalizam o método na recolha ou análise de dados empíricos (LAKATOS; MARCONI, 2021; SEVERINO, 2017).

Para assegurar precisão conceitual, torna-se indispensável diferenciar quatro estratos metodológicos distintos:

1. Métodos de Abordagem (ou Bases Lógicas da Investigação): Correspondem aos processos racionais mais gerais que estruturam o raciocínio científico: o método dedutivo (que parte de leis ou teorias gerais para prever fenómenos particulares), o método indutivo (que parte da observação repetida de casos particulares para formular generalizações empíricas), o método hipotético-dedutivo de Popper (que parte de um problema e de uma conjetura teórica para deduzir consequências observáveis submetidas a testes rigorosos de falseamento), o método dialético (que apreende os fenómenos em sua historicidade, contradição interna e transformação qualitativa) e o método fenomenológico (que busca descrever a essência das experiências vividas mediante a redução fenomenológica ou epoché, suspendendo juízos prévios) (GIL, 2019; LAKATOS; MARCONI, 2021).

2. Métodos de Procedimento (ou Métodos Específicos): Constituem etapas mais concretas da investigação ligadas ao modo de tratar o objeto empírico, tais como o método experimental (manipulação controlada de variáveis independentes para observar efeitos sobre variáveis dependentes), o método clínico-qualitativo (estudo aprofundado, longitudinal e singular da dinâmica psíquica e sintomatológica de um sujeito em situação de atendimento), o método comparativo (confronto sistemático entre grupos, culturas ou períodos para identificar semelhanças e diferenças), o método histórico-genético, o método estatístico e o método etnográfico (LAKATOS; MARCONI, 2021; TURATO, 2013).

3. Desenhos ou Delineamentos de Investigação (Research Designs): Referem-se à arquitetura estratégica do estudo, definindo o plano de organização temporal, o grau de controle de variáveis e a natureza dos dados. No eixo quantitativo, incluem os delineamentos experimentais puros, quase-experimentais, pré-experimentais e não experimentais (transversais, longitudinais, correlacionais e ex-post-facto). No eixo qualitativo, englobam o estudo de caso único ou múltiplo (YIN, 2015), a teoria fundamentada nos dados (Grounded Theory), a etnografia, a fenomenologia empírica, a investigação narrativa e a pesquisa-ação. No eixo misto, abrangem os desenhos convergentes paralelos, explanatórios sequenciais e exploratórios sequenciais (CRESWELL; CRESWELL, 2021).

4. Técnicas e Instrumentos de Investigação: Situam-se no nível estritamente operacional e dividem-se em técnicas de recolha/produção de dados (observação sistemática ou participante, entrevista estruturada, semiestruturada ou em profundidade, questionário,

escala psicométrica, teste projetivo, bateria neuropsicológica, grupo focal, análise documental e registos psicofisiológicos) e técnicas de tratamento e análise de dados (estatística descritiva e inferencial paramétrica ou não paramétrica, modelagem de equações estruturais, análise de conteúdo de Bardin, análise de discurso, análise temática e análise fenomenológica interpretativa) (BARDIN, 2016; FLICK, 2009; PASQUALI, 2017).

3 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO INTEGRADA EM METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA

Com base na análise crítica dos autores examinados e na necessidade de superar a fragmentação terminológica presente na formação académica em Psicologia, propõe-se neste trabalho uma Taxonomia Hierárquica e Articulada da Metodologia de Investigação em Psicologia (THAM-IP). Esta classificação organiza o desenho metodológico de qualquer investigação psicológica em quatro níveis verticais de fundamentação e decisão, garantindo que cada escolha operacional mantenha congruência lógica com o nível imediatamente superior.

3.1 Estrutura Arquitetónica da Taxonomia Hierárquica (THAM-IP)

A arquitetura da proposta classifica o percurso metodológico do investigador segundo uma sequência lógica que vai da maior abstração filosófica até à máxima concretude instrumental:

• Nível I — Matriz Paradigmática e Epistemológica (O Fundamento): Define a conceção ontológica do fenómeno psicológico e a postura epistemológica do investigador. Compreende cinco matrizes principais: (1) Matriz Positivista / Pós-Positivista; (2) Matriz Interpretativista / Construtivista-Fenomenológica; (3) Matriz Crítico-Dialética; (4) Matriz Pragmática; e (5) Matriz Sistémico-Complexa.

• Nível II — Método Científico Geral (O Caminho Lógico): Desdobra-se em dois subníveis articulados: o Método de Abordagem (dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, fenomenológico-hermenêutico ou dialético) e o Método de Procedimento (experimental, clínico-qualitativo, comparativo, estatístico, histórico-genético ou etnográfico).

• Nível III — Delineamento ou Desenho de Investigação (A Estratégia Empírica): Estabelece a estrutura operacional do estudo em três grandes modalidades: (1) Delineamentos Quantitativos (experimental randomizado, quase-experimental, correlacional, levantamento transversal ou coorte longitudinal); (2) Delineamentos Qualitativos (estudo de caso clínico ou

institucional, pesquisa fenomenológica, pesquisa etnográfica, teoria fundamentada, pesquisa narrativa ou pesquisa-ação participante); e (3) Delineamentos Mistos (convergente paralelo, explanatório sequencial ou exploratório sequencial).

• Nível IV — Técnicas e Instrumentos Operacionais (A Execução Instrumental): Subdivide-se em dois domínios complementares: (1) Técnicas de Recolha/Produção de Dados (testes psicométricos e neuropsicológicos padronizados, escalas de atitudes, questionários estruturados, entrevistas clínicas e em profundidade, observação sistemática ou participante, grupos focais, técnicas projetivas e tarefas experimentais); e (2) Técnicas de Tratamento e Análise de Dados (análise estatística descritiva e inferencial, análise multivariada, análise de conteúdo categorial, análise temática reflexiva, análise do discurso e análise clínico-interpretativa).

Quadro 1 — Taxonomia Hierárquica e Articulada da Metodologia de Investigação em Psicologia (THAM-IP)

Nível Classificatório	**Dimensão Epistemológica**	**Categorias Taxonómicas Principais**	**Questão Orientadora para o Investigador**
Nível I Matriz Paradigmática	Ontologia e Epistemologia	1. Positivista / Pós-Positivista 2. Interpretativista / Fenomenológica 3. Crítico-Dialética 4. Pragmática 5. Sistémico-Complexa	Qual é a natureza do fenómeno psicológico estudado e qual a relação entre o investigador e os participantes?
Nível II Método Científico	Lógica de Raciocínio e Procedimento Geral	Abordagem: Dedutivo, Indutivo, Hipotético-Dedutivo, Fenomenológico, Dialético. Procedimento: Experimental, Clínico, Comparativo, Estatístico, Etnográfico.	Qual o percurso lógico de demonstração ou compreensão e o modo geral de abordar o objeto empírico?
Nível III Delineamento de Pesquisa	Arquitetura Estratégica do Estudo	Quantitativo: Experimental, Quase-experimental, Correlacional, Survey, Longitudinal. Qualitativo: Estudo de Caso, Fenomenológico, Grounded Theory, Pesquisa-Ação. Misto: Convergente, Explanatório, Exploratório.	Como será estruturado o plano empírico no tempo e no espaço para responder ao problema de pesquisa?
Nível IV Técnicas e Instrumentos	Operacionalização Empírica e Analítica	Recolha: Testes psicométricos, Escalas, Questionários, Entrevistas, Observação, Grupos Focais. Análise: Estatística	Com quais instrumentos específicos os dados serão produzidos e por meio de quais procedimentos serão analisados?

		inferencial, Análise de Conteúdo, Análise de Discurso, Análise Temática.		

Fonte: Elaborado pelo autor (2026) com base em Guba e Lincoln (1994), Lakatos e Marconi (2021), Gil (2019) e Creswell e Creswell (2021).

3.2 Matriz de Correspondência Paradigmático-Instrumental Aplicada à Psicologia

Para tornar a classificação imediatamente operacional no planeamento de projetos de investigação, dissertações e teses em Psicologia, o Quadro 2 apresenta a articulação horizontal entre cada matriz paradigmática e seus respetivos métodos, delineamentos e técnicas mais congruentes, alertando ainda para os riscos de incoerência metodológica.

Quadro 2 — Matriz de Correspondência entre Paradigmas, Métodos, Delineamentos e Técnicas em Psicologia

Matriz Paradigmática (Nível I)	Métodos Predominantes (Nível II)	Delineamentos Típicos (Nível III)	Técnicas de Recolha e Análise (Nível IV)	Áreas de Aplicação Privilegiada na Psicologia
Positivista e Pós-Positivista	Hipotético-dedutivo; Dedutivo; Experimental; Estatístico.	Experimental puro; Quase-experimental; Correlacional; Coorte longitudinal; Survey.	Recolha: Testes psicométricos, baterias neuropsicológicas, escalas Likert, registos fisiológicos. Análise: Estatística paramétrica/não paramétrica, regressão, ANOVA.	Psicologia Experimental, Psicometria, Neuropsicologia, Psicologia Cognitiva, Avaliação de Eficácia Terapêutica.
Interpretativista / Fenomenológico-Construtivista	Indutivo; Fenomenológico-hermenêutico; Clínico-qualitativo; Etnográfico.	Estudo de caso em profundidade; Fenomenologia empírica; Etnografia; Pesquisa narrativa; Grounded Theory.	Recolha: Entrevista em profundidade, entrevista clínica aberta, observação participante, histórias de vida. Análise: Análise fenomenológica, análise de conteúdo, análise temática.	Psicologia Clínica, Psicanálise, Psicologia Fenomenológico-Existencial, Psicologia Cultural e do Desenvolvimento.
Crítico-Dialética	Dialético; Histórico-genético; Comparativo.	Pesquisa-ação; Pesquisa participante; Estudo de caso histórico-institucional.	Recolha: Grupos focais, oficinas participativas, diário de campo, análise documental crítica. Análise: Análise crítica do discurso, hermenêutica dialética.	Psicologia Social Comunitária, Psicologia Política, Psicologia Escolar Crítica, Saúde Mental Coletiva.
Pragmática	Pluralismo metodológico (articulação dedutivo-indutiva).	Métodos Mistos (Convergente paralelo, Explanatório sequencial, Exploratório	Recolha: Combinação sequencial ou simultânea de questionários/testes e entrevistas/grupos	Psicologia da Saúde, Avaliação de Programas Psicossociais, Psicologia Organizacional e do

		sequencial).	focais. Análise: Triangulação estatística e qualitativa.	Trabalho.
Sistémico-Complexa	Sistémico; Clínico-relacional; Ecológico.	Estudo de caso sistémico; Delineamento bioecológico; Análise de redes.	Recolha: Genograma, ecomapa, observação de interações familiares, entrevistas circulares. Análise: Análise sistémico-relacional, modelagem de redes complexas.	Terapia Familiar e de Casal, Psicologia Ambiental, Desenvolvimento Humano em Contextos Ecológicos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

4 VIGILÂNCIA EPISTEMOLÓGICA E IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE INVESTIGADORES EM PSICOLOGIA

A operacionalização da Taxonomia Hierárquica e Articulada (THAM-IP) produz impactos diretos na qualidade da formação académica e da produção científica nos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em Psicologia, particularmente no contexto universitário angolano e lusófono. Conforme advertem Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004), o ato científico conquista-se contra a ilusão do saber imediato e contra o fetichismo dos instrumentos técnicos.

Ao adotar esta matriz classificatória na orientação de trabalhos científicos e nas unidades curriculares de Metodologia da Investigação em Psicologia, alcançam-se três benefícios formativos essenciais:

1. Superação do Reducionismo Metodológico e das Falsas Dicotomias: Durante décadas, a investigação psicológica foi marcada pela chamada guerra dos paradigmas entre quantitativistas e qualitativistas (GAGE, 1989; TASHAKKORI; TEDDLIE, 2010). A classificação proposta demonstra que a quantificação e a qualificação não são inimigas epistemológicas, mas recursos operacionais situados no Nível III e no Nível IV que respondem a perguntas distintas e podem ser legitimamente integrados sob uma matriz pragmática ou complexa.

2. Garantia da Coerência Interna dos Projetos de Pesquisa: A estrutura escalonada em quatro níveis funciona como um protocolo de auditoria epistemológica para orientadores, júris académicos e investigadores. Sempre que um estudante propõe utilizar uma técnica específica (por exemplo, um questionário fechado ou uma entrevista semiestruturada), a matriz exige

que ele justifique a coerência ascendente dessa técnica com o delineamento (Nível III), o método lógico (Nível II) e o paradigma epistemológico (Nível I) do estudo.

3. Contextualização Cultural e Ética da Investigação Psicológica em África: No contexto sociocultural angolano, onde os fenómenos psicológicos são atravessados por dinâmicas comunitárias, valores culturais próprios, multilinguismo e especificidades históricas, a aplicação acrítica de instrumentos psicométricos importados sem adaptação cultural viola os pressupostos da validade ecológica (BRONFENBRENNER, 1996). A vigilância paradigmática promovida pela THAM-IP incentiva o investigador a articular o rigor metodológico internacional com a sensibilidade cultural e ética exigida pela realidade local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maturidade científica da Psicologia enquanto campo de produção de saber depende indissociavelmente da clareza epistemológica e do rigor metodológico com que os seus investigadores formulam os seus problemas e conduzem as suas indagações empíricas. Como ficou evidenciado ao longo deste estudo mediante o diálogo crítico entre filósofos da ciência e metodólogos clássicos e contemporâneos, as imprecisões conceituais entre paradigmas, métodos, delineamentos e técnicas não constituem meros detalhes semânticos, mas fragilidades estruturais capazes de comprometer a validade e a credibilidade dos resultados científicos.

Em resposta ao objetivo geral e aos objetivos específicos estabelecidos, a Taxonomia Hierárquica e Articulada da Metodologia de Investigação em Psicologia (THAM-IP) oferece uma arquitetura classificatória clara, sistemática e didaticamente operacional, estruturada nos níveis da Matriz Paradigmática, do Método Científico Geral (de abordagem e de procedimento), do Delineamento de Investigação e das Técnicas e Instrumentos de Recolha e Análise de Dados. Ao explicitar os vínculos de determinação lógica entre cada estrato, a proposta fornece aos estudantes, docentes e investigadores um referencial seguro para o planeamento, a execução e a avaliação crítica de pesquisas psicológicas.

Sugere-se, como perspetiva de continuidade académica, a incorporação desta matriz classificatória nos manuais pedagógicos e nos guiões de elaboração de trabalhos de fim de curso e dissertações nas instituições de ensino superior em Angola, fomentando uma cultura científica pautada pela reflexividade epistemológica, pelo pluralismo metodológico responsável e pelo compromisso ético com a transformação social.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FIGUEIREDO, L. C. M. Matrizes do pensamento psicológico. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAGE, N. L. The paradigm wars and their aftermath: a historical sketch of research on teaching since 1989. Educational Researcher, Washington, v. 18, n. 7, p. 4-10, 1989.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. L. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. p. 105-117.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). The Sage handbook of qualitative research. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p. 191-215.

HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LAKATOS, I. The methodology of scientific research programmes. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PASQUALI, L. Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

PENNA, A. G. História das ideias psicológicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. (ed.). Sage handbook of mixed methods in social & behavioral research. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2010.

TURATO, E. R. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.